

AS AVENTURAS DE UM BURRINHO

Edith Holden

1

“Arre burro! Arre burro!” Com certeza que você já ouviu muitas vezes esses gritos, não é verdade? Mas você já tem pensado na vida de um burrinho? Este humilde animal de carga que tanto ajuda os homens? Pois bem, eu sou um deles e vou contar-lhes a minha história.

A primeira coisa de que me lembro é de andar correndo, aos pulos, num campo muito bonito, cheio de relva verde e de flores, onde a minha mãe era posta para pastar quando não estava trabalhando.

Os nossos donos eram muito simpáticos e nos tratavam muito bem. Tinham mais animais: um égua grande, vacas, galinhas, patos, coelhos, perus, cães e gatos. Também havia uma grande horta e um jardim muito lindo em volta da casa.

O Sr. Pedro e a d. Tereza, tinham quatro filhos – dois rapazes e duas moças. João, o mais velho, tinha 14 anos e já ajudava bastante o seu pai, quando não estava na escola. Emília tinha 12 anos, era uma menina muito boazinha e também muito bonita. Manoel era bastante traquina e dava o que fazer aos outros, e tinha 9 anos. A menorzinha, que tinha apenas 5 anos, era um amorzinho. Chamava-se Teresinha.

Os pais tinham muito cuidado de ensinar aos seus filhos, desde novinhos, que Deus quer que todos os animais sejam bem tratados e que os que maltratam um animal merecem ser castigados.

A minha mãe tinha muita paciência comigo e eu, às vezes, era muito desobediente e a deixava triste. De um lado

do campo onde estávamos muitas vezes havia uma valeta bastante funda.

- Nunca vá para aquele lado dizia-me minha mãe. Se você entrar na valeta poderá quebrar a perna.

- Om-iom-iom - respondia eu. - Terei cuidado!

Mas depressa me esquecia dos seus avisos. Um dia vi um arbusto muito verde e viçoso, do lado oposto da tal valeta.

- A minha mãe é velhinha, por isso é que tem medo; ela já não é capaz de saltar tão longe, mas eu posso.

Assim pensei eu, cheio de vaidade. Quando a minha mãe não me estava vendo, dei, de repente, uma corrida rápida e um grande pulo para alcançar o outro lado da valeta e arrancar a arbusto de um verde delicioso. Mas, qual foi o meu espanto e temor, quando falhei e zás! catapuz!, não consegui e caí na valeta e comecei a zurrar desesperadamente chamando minha mãe. Bem depressa ela apareceu e olhou lá de cima para mim.

- Filhinho – disse ela. – O que foi que já lhe disse? Eu não posso tirar você da valeta, mas vou buscar o nosso bom dono.

Ela assim o fez. Foi para perto da casa, a zurrar muito, para chamar a atenção. Bem depressa apareceram o Sr. Pedro e o João.

- Pobre burrinho, como foi que você caiu aí? – disse o João.

- Espero que não tenha quebrado uma perna – disse o pai.

O João saltou para dentro da valeta e pôs cordas em volta de mim, com sacos por baixo, para que não me machucassem quando me puxassem. Depois, com bastante custo ele e o Sr. Pedro puxaram-me para cima. Eu estava coberto de lamas e de espinhos, tinha uns arranhões fundos no focinho e nas pernas.

O Sr. Pedro apalpou-me cuidadosamente e disse: - Não quebrou nenhum osso! - E ficou satisfeito.

A minha mãe fitava-me com os seus grandes olhos, cheios de tristeza, pensando na minha desobediência.

Levaram-me para a cocheira, lavaram-me e puseram desinfetante nas minhas feridas que ardiam bastante, mas eu senti que bem merecia aquele mau bocado por ter sido desobediente à minha querida mãe.

Espero que os meninos que leem a minha história sejam sempre obedientes a seus pais.

oOo

2

Fui crescendo rapidamente, aprendendo e observando muita coisa dia após dia. Gostava muito da família, tão bondosa, para quem a mãe trabalhava.

As crianças tratavam-me com muito carinho e o que lhes dava prazer era de vez em quando montarem, uma de cada vez, na minha mãe e passear pelos lindos campos perto da nossa casa.

O João já sabia montar na égua grande, que se chamava “Estrela”; era castanha, mas tinha um sinal branco na testa que fazia lembrar uma estrela.

A minha mãe não gostava muito de ter que levar o Manoel, pois, como já disse, ele era maroto e, quando os outros não olhavam, chicoteava minha pobre mãe. Isto deixava-me bastante zangado e várias vezes eu tentei dar-lhe um coicezinho.

Quando estávamos nestes passeios eu caminhava ao lado da minha mãe, mas bem cedo chegou o dia de eu ter que me sujeitar a andar com um selim e um cabresto.

No princípio, tive bastante medo e também fiquei aborrecido, dando coices e saltos, tentando livrar-me destas coisas que me impediam os movimentos, mas o meu dono era tão bondoso e paciente comigo e me falava carinhosamente sem dar-me pancadas.

- Por bem vale tudo! - dizia ele. – Nunca por mal!

A minha mãe, com um dos meninos montados nela, ia sempre ao meu lado nestas ocasiões e ela também me aconselhava a ter juízo.

Nos primeiros dias do meu treino não levei ninguém montado em mim, mas, depois de eu já andar sossegado com o selim e o cabresto, o Sr. Pedro um dia pôs a menina, que era mais leve, a Teresinha, em cima de mim.

Como já lhes disse, ela era a mais nova e era tão linda; eu gostava muito dela porque me dava cenouras e torrões de açúcar e um burrinho gosta muito dessas gulodices.

- Porte-se bem; você carregando um grande tesouro – disse o Sr. Pedro.

Eu mesmo estranhei no princípio, o peso tão leve da Teresinha, mas tive juízo. O João segurou nas minhas rédeas e foi falando comigo.

Ah! Esqueci-me de dizer que me puseram o nome de “Toninho” e que minha mãe se chamava “Bela”.

oOo

3

Nos dias de mercado, na vila próxima, os meus donos enchiam uma carrocinha com hortaliças e boas frutas. A minha mãe puxava a carroça e lá iam vender.

No caminho para a feira o João e seu pai iam a pé, para a carga não pesar demais para as forças de minha mãe. Isto faziam porque gostavam, muito dos animais.

Mas, além disso, eu logo reparei que eles amavam muito a Deus e, embora não fossem perfeitos, tentavam fazer a Sua vontade nas tarefas diárias. Todos os dias liam um livro que se chama a Bíblia Sagrada.

Eu, um pobre burrinho, pouco percebia destes assuntos, mas nos dias de Verão como o Sr. Pedro reunia a família ao ar livre, eu e a minha mãe, que andávamos a pastar perto, ouvíamos ler muitas histórias lindas.

As que falavam de meus irmãos eram as que eu mais gostava e compreendia. Vou contar-lhes o que ouvi ao Sr. Pedro explicar uma vez aos seus filhos. O João leu num livro chamado Evangelho de Marcos, no capítulo 11.

- Meus filhos – disse – o que o nosso João acaba de ler tem grandes ensinamentos para nós. Nesta história vemos que o Senhor Jesus Cristo, apesar de ser o Filho de Deus, humilhou-Se a tal ponto que entrou na grande cidade de Jerusalém montado num jumentinho, um animal tão humilde.

- Podemos também pensar no seguinte: O versículo 3 diz-nos que o Senhor precisava deste jumentinho ou burrinho, então se o Senhor Jesus pode usar estes humildes animais para O servirem, Ele também precisa de vocês, crianças, para O amarem e servirem.

- Temos ainda outro pensamento: Esta história conta-nos que os discípulos do Senhor Jesus eram obedientes; fizeram

logo o que Ele lhes mandou: ir buscar o burrinho. Nós também devemos obedecer aos mandamentos do Senhor Jesus, conforme lemos na Sua Palavra.

oOo

4

Agora vou contar-lhes uma das aventuras pela qual já passei. Um dia estava a pastar sossegadamente num dos belos campos que pertenciam à nossa chácara. Era já à tardinha de um lindo dia de Primavera. A minha mãe não estava comigo, tinha saído com a carroça, não me lembro para onde.

- Om-iom-iom – dizia eu, de vez em quando para lembrar ao João que estava quase na hora de me recolher à cocheira. De repente, ouvi uns passos e vi a cancela no fim do campo, abrir-se muito devagarinho.

Voltei a cabeça, pensando que fosse alguém da nossa família, mas... num abrir e fechar de olhos, um pano de saco foi enfiado na minha cabeça, enquanto umas mãos estranhas apertavam-me o focinho para eu não fazer barulho e outra pessoa empurrava-me dando-me também pontapés, e tive que caminhar para a frente.

Eu tentei dar um par de coices, mas logo senti uma corda em volta das minhas pernas e tive que desistir. Percebi então que se tratava de ladrões e fiquei com um medo tremendo.

A minha mãe tinha-me avisado a nunca seguir ninguém desconhecido, mesmo que me oferecessem petiscos, mas ela não me disse o que eu devia fazer num caso destes.

Passado muito tempo depois, fizeram-me parar e tiraram o pano de saco. Eu fiz o possível para dar uma dentada nas mãos do homem que vi à minha frente, mas não consegui.

- Ah, você é um malandro – disse ele. – A fome vi curar você.

Vi então que eu estava num barracão, muito sujo. Um pobre cavalo magríssimo fitava-me com os seus grandes olhos tristes. Atrás do homem estava um rapaz, pouco mais ou menos da idade do João, mas, ah, que grande diferença no seu parecer. O João tinha uma cara alegre, via-se que era um rapaz bem disposto; este tinha um ar miserável e também cruel, como o tinha o homem que adivinhei logo ser seu pai.

- O burro não é mau – disse ele. – Deve ser ainda novo. Podemos vendê-lo por um bom dinheiro, mas tem que ser longe daqui para não sermos descobertos.

O rapaz não respondeu, mas, sem mais e nem menos, deu-me um grande soco na cabeça.

- Toma lá, velhaco – disse ele. - porque me quiseste morder.

Depois foram-se embora, fechando à chave a porta. Que grande escuridão, até metia medo! Comecei a tremer. Então senti o focinho do cavalo acariciar-me.

- Pobre burrinho – disse ele. – Triste dia em que você caiu nas mãos destes cruéis ladrões. Eu já sou velho, por isso sei que não posso sofrer muito mais tempo, mas você é tão novinho ainda!

- Om-iom-iom – respondi eu, muito baixinho. – Como poderei fugir daqui para os meus bons donos?

- É impossível – respondeu meu amigo.

Não sei quantos dias fiquei fechado naquele buraco imundo, um pouco de palha, cheirando a bafio, era o meu único sustento e um pouco de água, num latão sujo, uma vez por dia.

- Haverá tempo de o engordar quando estivermos longe daqui e então trataremos de vendê-lo – disse o ladrão ao seu filho.

Pensei tanto, tanto na minha querida mãe, no meu bom dono e na sua boa família! Chorei com desgosto, pensando também na sua aflição por minha causa. Nesta desgraçada casa de gatunos havia uma menina, ainda pequena, talvez com seus 7 anos, que mostrava ser diferente dos outros da sua família.

- Pobre burrinho, tenho tanta pena de você – dizia ela, em voz baixinha, quando, de vez em quando, vinha ver-me.

oOo

5

Numa certa noite de temporal ouvi mexer na chave do barracão e, depois de alguns minutos, a porta se abriu devagarinho e um vulto pequeno aproximou-se de mim.

- Ninguém sabe. Vim salvar você, amigo burro – dizia a voz de Fernandinha (este era o nome da tal menina). – Foge, foge depressa. Eles pensarão que a fechadura se abriu com o temporal! Fuja para os seus donos!

- Om-iom-iom! – disse eu, baixinho. – Eu queria dizer-lhe: Muito, muito obrigado, querida menina).

- Venha comigo, amigo cavalo – disse a ele.

- Não, não já sou velho e cansado, seria novamente apanhado e ainda mais maltratado, mas você é novo e tem para onde ir. Adeus!

Não foi preciso mais, num abrir e fechar de olhos fugi a galope. Não sabia bem o caminho para o meu querido lar, mas tinha a certeza que seria capaz de encontrá-lo novamente. E assim foi. Algumas horas depois, cheio de lama, encharcado até aos ossos, caindo de cansaço e de fraqueza, vi a casa do Sr. Pedro outra vez.

Era ainda de madrugada e todos dormiam, mas o meu “om-iom-iom” eu zurrava por baixo das janelas e que logo se abriram. Então vi as caras tão queridas do meu dono, da d. Teresa e das crianças.

- Ah! É o nosso querido burrinho! Fugiu dos ladrões. Com certeza.

E assim, cheios de alegria, trataram logo de me dar uma boa refeição: cevada, favas e feno, e a Teresinha também me deu cenouras e torrões de açúcar, porque sabia que eu gostava muito destas guloseimas.

O João tratou de dar-me um grande banho, porque eu estava muito sujo. Os ladrões nunca me escovaram e um burro asseado precisa disto para ter um lustro bonito.

Minha mãe também teve muita alegria de me ver são e salvo. Ela contou-me que, em breve, eu teria um irmãozinho, e assim foi.

Eu fiquei muito contente, nunca tive inveja dele porque o amor dos meus donos e da minha mãe, nunca faltou para comigo.

Achei tanta graça do burrico novo e nunca me cansei de brincar com ele. Um dia o Sr. Pedro e a d. Teresa, o João e a

Emília, o Manoel e a Teresinha nos rodearam para decidir qual o nome a dar para o meu irmãozinho. Uns diziam um nome, outros outro até que, por fim, decidiram chamá-lo de “Chico”.

- Agora, veja lá - disse a nossa mãe. – Tenha sempre cuidado com o Chico, ensine-lhe a ser obediente e lembre-se que foi a sua desobediência que o fez cair naquela valeta! Também nunca fuja para longe de mim por causa de ladrões.

Na porta da cavalaria, o Sr. Pedro tinha posto uma grande fechadura nova e trancas de ferro com um cadeado e, por isso, nos sentimos mais seguros!

oOo

6

Certo dia, aquela boa família teve uma grande aflição. A nossa querida Teresina adoeceu. Uma madrugada, antes do nascer do Sol, o João apareceu na cocheira, pôs-me o selim e o cabresto e disse:

- Toninho, você precisa galopar bem depressa. Vamos buscar o médico. A Teresinha está com febre.

Lá fui eu a galope pela estrada até que chegamos à casa do médico. O João bateu com força na porta e eu também ajudei com o meu zurrar muito forte.

O senhor doutor apareceu na janela e perguntou de que se tratava. O João explicou e ele, em poucos minutos, pôs-se a caminho no seu automóvel.

- Gostaria de os levar comigo – disse ele, - mas não posso por o burrico no carro, infelizmente.

Foi assim que nós chegamos à casa, mesmo assim bem depressa porque eu fui a oitenta, como se diz.

O senhor doutor ainda estava na nossa casa e ele receitou vários remédios para a nossa querida menina e, graças a Deus, em poucos dias ela ficou boazinha outra vez,

mas estava mais magrinha e pálida. Quando ela montou em mim, eu notei logo a diferença de peso.

Fiquei muito contente quando ela pôde trazer-me novamente cenouras e torrões de açúcar, pois sou um burrinho bastante guloso!

Estava chegando o Verão e seria bom para todos uma mudança de ares. E assim foi! O Sr. Pedro alugou um caminhão e lá fomos todos para um sítio muito lindo, perto de um bosque e também perto da praia.

oOo

7

Neste acampamento ouvi novamente coisas bem interessantes. Todos os dias os campistas se reuniam na praia ou no pinhal e tinham palestras sobre várias porções a Bíblia.

Eu, minha mãe e meu irmão, andávamos a pastar pertinho, por isto ouvimos muitas histórias lindas.

Vou contar aqui uma que fixei bem na cabeça; embora seja um burro, também sou bastante inteligente. (Ai, a! Não devia dizer isto; é muito feio gabar-nos!).

Numa palestra, um certo senhor contou que um viajante vinha de uma grande cidade, chamada Jerusalém, para uma vila chamada Jericó e caiu nas mãos de ladrões. Deram-lhe muita pancada, o despiram e lá o deixaram à beira do caminho, meio morto.

Dois homens, um após outro, passaram perto dele, o primeiro com um ar desdenhoso nem foi ver o pobre desgraçado; o segundo chegou perto, mas só olhou, não fez nada e seguiu o seu caminho.

Mas, depois destes homens sem compaixão, passou um outro, montado num burro e este era “samaritano”. Este sim, este mostrou grande pena: lavou as feridas do pobre homem e untou-as, pondo azeite e vinho.

E não foi só isto: pôs o homem no seu burrinho e foi ele próprio a pé. Com certeza que o meu irmão burro andou com todo o cuidado. Quando chegaram a uma estalagem, o bondoso samaritano entregou o doente ao dono da casa, deu-lhe dinheiro e disse que cuidasse muito bem do ferido e que, quando regressasse, lhe pagaria o que ele gastasse a mais.

O tal senhor que ensinou esta história verdadeira da Bíblia, disse que ela foi contada também pelo Senhor Jesus quando esteve aqui no mundo; disse ainda que o bondoso “Samaritano” se podia comparar com o Senhor Jesus Cristo que veio salvar os homens, mulheres e crianças que estão feridos pelo terrível mal que se chama “pecado”.

oOo

8

As crianças gostaram muito de tomar banho no mar. O Sr. Pedro quis que todos nadassem bem. O João e a Emília já sabiam nadar muito bem e o Manuel e a Teresinha depressa aprenderam. Até minha mãe, meu irmão Chico e eu também andamos no mar, de vez em quando.

- Faz bem às pernas dos burrinhos – dizia o nosso dono.

Um dia apanhamos um grande susto com a nossa querida Teresinha. O mar estava bastante agitado e o Sr. Pedro disse:

- Hoje ninguém toma banho.

As crianças ficaram aborrecidas, mas brincaram à beira mar, construindo castelos, lagos, etc. De repente veio uma onda enorme, fugiram depressa, mas a Teresinha tropeçou, caiu e foi arrastada pela onda.

Nós, o burros, não sabíamos o que fazer, ficamos a zurrar, assustados, mas o nosso grande cão, o Fiel, correu para o mar, agarrou na roupa da menina e a puxou para a praia, ajudado pelo João.

O Sr. Pedro tinha ido à aldeia fazer umas compras. A Teresinha estava quase sem sentidos, mas a d. Teresa tratou

logo de tirar a roupa encharcada e embrulhou a nossa querida em muitas roupas de lã e deu-lhe chá, muito quente, e bem depressa ela ficou boazinha.

- Quem é que se lembra de uma história no Novo Testamento que nos conta de um temporal no lago da Galileia? – perguntou o Sr. Pedro depois do jantar.

- Eu me lembro – disse a Emília.

E então ela contou a história que se lê no Evangelho de Marcos, capítulo 4. Os discípulos e o Senhor Jesus estavam num barquinho atravessando o lago quando, de repente, se levantou uma grande tempestade. O Senhor Jesus estava dormindo.

Os discípulos, cheios de medo, o acordaram, dizendo:

- Mestre, não se te dá que todos pereçamos?

O Senhor Jesus então repreendeu o vento e disse ao mar: “Cala-te, aquieta-te” e logo o vento e o mar ficaram calmos.

oOo

9

Passamos uns dias muito agradáveis neste sítio tão lindo. As crianças comiam muito mais do que em casa. Estar sempre ao ar livre, abre o apetite! Também nós, os burros, tínhamos umas pastagens ótimas e íamos à aldeia buscar o que era preciso.

Uma vez, o traquinas do Manoel montou-me e foi mandado comprar várias coisas da mercearia.

- Veja lá, não perca o dinheiro – disse a d. Teresa.

Tudo correu bem ao princípio, o Manoel lá foi muito sossegadamente, sem me chicotear muito, como era o seu mau costume. Mas, infelizmente, encontrou uns amigos seus: dois rapazes mais velhos do que ele.

- Onde está indo, ó miúdo? – lhe perguntaram.

- Vou fazer compras para a minha mãe – respondeu o Manoel.

- Ande mais conosco; terá muito tempo para fazer as compras depois.

- Onde vão?

O Manoel hesitou um pouco, mas cedeu à tentação e foi com os rapazes. Ele prendeu-me debaixo de uma árvore, mas tão apertada ficaram as rédeas que eu não podia baixar a cabeça para me entreter comendo ervilhas verdes.

As moscas trataram de me enfezar, por mais que eu tratasse de afastá-las com a cauda. Enfim, passei maus bocados.

O Manoel e seus companheiros, ao princípio brincaram com juízo, mas isto não durou muito tempo e depois começaram a zangar-se e houve pancadaria a torto e a direito.

O Manoel, sendo o menor, depressa chegou a mim com a cabeça partida e chorando. Quis soltar-me e montar, mas os outros não o deixaram; eles é que queriam montar-me, os dois ao mesmo tempo, mas enganaram-se. Eu não gostava muito do menino Manoel, mas era filho dos meus bons donos, por isso tive que defendê-lo.

Comecei a dar coices e afastei os marotos. O Manoel saltou por cima de mim e fugimos a galope.

- Já não posso ir mais às compras neste estado! – soluçou ele e, depois de algum tempo, gritou muito aflito: - Ai, o que eu vou fazer agora? Perdi o dinheiro!

Quando chegamos perto do caminhão, ele deixou-me so to e se escondeu. A d. Teresa logo apareceu.

- Onde você está, Toninho? Onde está o Manoel com as compras?

Ela andou à procura do rapaz e, por fim, o encontrou atrás de um pinheiro chorando. Em vez de lhe dar uma boa surra, a boa senhora só disse:

- Manoel, o que você fez? – e o fitou com um olhar cheio de tristeza.

Isto fez com que Manoel chorasse ainda mais.

- O mãezinha querida, fui muito mau, mereço ser castigado!, – soluçou ele e contou tudo à mãe.

- Sim, meu filho, você merece ser castigado, mas não vou lhe bater, já tem a cabeça partida, vou lavar-lhe a ferida – e a boa senhora assim fez.

- O pai vai resolver o seu castigo – disse ela.. – Mas vamos pedir ao Pai do céu que lhe perdoe e o ajude a lembrar-se daquele versículo que diz: “Tu, ó Deus, és o Deus que me vês”.

O sr. Pedro costumava dar 2\$50 por semana a cada criança. Eles tinham uma caixa com divisões: “Para as Missões”, “Para o Passeio da Escola Dominical”, “Para os Pobres” e havia outra divisão onde estava escrito: “Para Gulodices!” e as crianças dividiam as suas moedas como queriam.

O Sr. Pedro deu um castigo muito justo ao Manoel:

- Olha, meu filho – disse ele. – A mãezinha deu-lhe 20\$00 para as compras e você perdeu este dinheiro, por causa de andar em más companhias, em vez de fazer o que a mamãe queria. Pois agora não lhe darei os seus 2\$50 até pagar o que você perdeu.

Os meninos que estão lendo este livrinho (As Aventuras de um Burrinho) sabem quantas semanas ficou o Manoel sem as moedas de 2\$50, não é verdade? Pois eu, eu sou um burro, sei que foram.....!

Depressa as férias neste lindo sítio acabaram e voltamos novamente para o nosso sítio e o meu irmão Chico foi ensinado tal e qual como eu fui ensinado e portou-se muito bem.

Eu poderia ainda contar mais coisas interessantes, mas fica para outra vez. Já tenho a minha cabeça de burro um pouco cansada. Ah! Já sei porquê! Foi porque tive que puxar muitos miolos para adivinhar quantas semanas o menino Manoel ficou sem os 2\$50!

Então, um grande “om-iom-iom”, queridos meninos, do seu burrinho muito amigo

“Toninho”.

.oOo.

